

Wie man sich jonische Tänzer, jonische Läufer, jonische Ringer in labilerer Körperlichkeit, in geschmeidiger gleitender Beweglichkeit denkt, so bringen die ostjonischen Jünglingsstatuen eine neue eigene Note ins bekannte Bild, eine zugleich sinnhafte und linienverklärte, eine weniger gebaute, mehr nach Pflanzenart gewachsene, strotzende und sich schmiegende", p. 74).

O esforço de expressão da multilateralidade das experiências da vida assinala o arcaísmo recente, o que empresta às estátuas características que são como que "a língua da meninice madura e avançada" ("...die Sprache der reifen und späten Kindheit", p. 84). Desenvolve-se, mais uma vez, o mesmo roteiro: do Peloponeso — que nos deixou, deste período, apenas imagens de metal de formato médio e pequeno —, passamos a Egina e à Ática, em que os novos traços da época se manifestam de maneira tão profunda (cf. pp. 105-106, 109, 112, 115, 116, 121, 123, 124), fazendo com que sejam adquiridas pelos adolescentes um novo grau de consciência e de liberdade íntima que deixam para traz toda a meninice. Os tipos de adolescentes das ilhas, revelando a saciedade o contacto entre os mestres insulares e os continentais, surgem-nos em Naxos, Paros, Eubéia e Keos. No oriente do Egeu as ilhas fornecem-nos muito pouco material, mas o suficiente para que se possa apreciar, primeiramente, a continuidade de características marcando o adolescente de Samos e, em segundo lugar, as novas concepções que, ligadas ao próprio regime de Polícrates, passaram a orientar a arte local (pp. 142 e ss.). Por fim, há ainda a expansão da estátua do adolescente para a Itália, através do movimento colonizador, aparecendo, então, o jovem de bronze de Piombino, na Etrúria, como o mais belo exemplar conservado e que, certamente, composto em alguma oficina da Magna Grécia, foi levado para o norte no decorrer das transformações políticas que acompanharam a conquista da península pelos romanos. Ai, nesta estátua colonial, os elementos dóricos e jônicos parecem fundir-se no que têm de mais expressivo, dando origem a uma expressão de maturidade que assegura ao adolescente de bronze um lugar incomparável na história da escultura helênica.

PEDRO MOACYR CAMPOS

LAUNEY (Marcel). — *Recherches sur les armées hellénistiques*. 1.^a parte (Bibliothèque des Écoles Françaises d'Athènes et de Rome). E. de Boccard. Paris, 1949. 624 pp. in 8.^o.

Não se trata, como parece à primeira vista, de uma obra de História Militar. Um reexame do título logo nos mostra tratar-se de pesquisa sobre os exércitos dos sucessores de Alexandre. O objetivo dessa pesquisa, porém, o leitor somente encontrará no texto do livro, como sendo o estudo da colonização militar feita por aqueles exércitos, e suas conseqüências. Para esse fim, a pesquisa abrange, no tempo, de 323 (morte de Alexandre), até 30 a.C., (fim da dinastia lágida) e, no espaço, a área do domínio helenístico. Quanto à extensão do assunto, apenas os exércitos mercenários.

A obra completa se divide em duas partes, das quais apenas veiu a lume a primeira, objeto deste comentário. A segunda parte, o autor nos diz que será composta de quatro capítulos sobre as conseqüências culturais dessa colonização militar (o ginásio, a vida religiosa, as associações militares e a tradição da vida política). Esta primeira parte contém a "pesquisa étnica", precedida de uma introdução.

Que nos diz Marcel Launey?

O mundo helenístico é um mundo essencialmente militar, e como tal os seus exércitos são elementos de grande importância na constituição da sociedade. Assim, "as necessidades em homens são permanentes, e, em proporção, consideráveis."

Por outro lado, o mundo greco-macedônico provocava movimentos de população e contactos de civilização, como nunca se fez, depois da invasão indo-européia. E, por sua importância numérica, sua coesão, seus caracteres distintos, e provavelmente seu espírito de corpo, a classe militar se distingue de todas as outras como a profissão que maior número de indivíduos pôs em movimento. É o fato da migração dos mercenários, assinalada como um movimento temporário, em oposição à migração definitiva dos colonos.

Estabelecidos esses fatos básicos, o A. vai pesquisar o papel dos exércitos no mundo helenístico, seus contactos com as cidades estrangeiras, suas relações com a população local, a situação do soldado mercenário, seu lugar na sociedade, seu nível de vida, seu prestígio, sua popularidade, etc.

Dispondo de vasto campo de pesquisas, o A. vai se valer do registro étnico (nomes de soldados), o que lhe permite reconhecer as regiões que forneceram mercenários, fixar os períodos de migração intensa e de esgotamento, bem como observar o progresso, manutenção ou regresso de tal ou qual elemento étnico.

A introdução é extensa, porém esclarecedora. Launey nos mostra ainda as fontes de que se serviu (epigráficas, papirológicas, literárias e arqueológicas), os tipos de recrutamento usados pelos diferentes Estados, apresenta-nos o *xenólogo*, o agenciador de mercenários, bem como o *xenago*, o "condottiere" que se alugava com todo o seu bando; para concluir, que, face à tremenda necessidade de homens, "tous les procédés de recrutement son bons".

A seguir veremos que o presente estudo só foi possível devido ao hábito helênico de, nos documentos, identificar os indivíduos não somente pelo seu patronímico, mas também pelo nome de seu dêimos. Ao estrangeiro, pelo nome de sua cidade (político), ou de sua nação (étnico). Além do que, os sobrenomes na maioria dos casos são hereditários.

Necessitando basear suas afirmações sobre números e dados, o A. se vê na obrigação de classificar, quanto ao seu valor estatístico as fontes de que dispõe. Os mais valiosos documentos são as "listas de soldados", que dão, nominalmente, a composição de uma unidade militar de uma guarnição. Entre outros exemplos, temos a lista da guarnição de Atenas, provavelmente do ano 300 a.C., onde a alta porcentagem de trácios assinalada entre os mercenários indica intensas relações entre Atenas e a Trácia, no século IV. Outro procedimento menos seguro é o levantamento dos nomes étnicos, pertencentes aos mercenários e cujos nomes se vêem nas estelas funerárias e nos "grafites" de uma determinada guarnição. O exemplo mais importante que nos dá é o da guarnição de Demétrias-Pagasai, do Egito lágida. Ai se assinalam 23% de soldados fenícios. Sabendo-se que "os fenícios nunca foram bons soldados, mas excelentes negociantes", esses mercenários apenas destacam a importância de Demétrias como centro comercial.

Um terceiro procedimento estatístico, finalmente, é o levantamento dos efetivos dos exércitos em campanha através dos depoimentos de historiadores. Cercando-se de cautelas, Launey nos apresenta vários exemplos: narrativas de Deodoro sobre os exércitos de Eumenes e Antígono Caolho (Paraitaquene) (317); Antíoco III em Rafia (217), segundo Políbio; Titus Lívio e sua descrição das batalhas de Magnésia (189), etc.

E eis a conclusão de Marcel Launey para essa introdução: "Assim, o estudo estatístico dos exércitos helenísticos evoca a imagem de um mundo em plena transformação". A composição étnica dos exércitos assim estudados não será mais que o reflexo da extensão e da gravidade dos fatos demográficos.

A seguir entramos na parte central do livro, que é o estudo da colonização militar pelos macedônicos. São aí examinadas, exaustivamente, as grandes regiões da Grécia, bem como do Império Helenístico, seguindo-se, para cada uma delas, as linhas gerais de sua história nos limites do tempo e do espaço do estudo, e identificando os caracteres particulares de sua migração militar, nos três últimos séculos a.C. Desta forma são estudados os povos do Peloponeso, da Grécia Central e Setentrional, das Ilhas, da Macedônia, os po-

vos balcânicos, da Ásia Menor, a Galácia, os semitas e iranianos e a África e o Ocidente.

É interessante vêr-se o quadro de cada um dos Estados gregos, depois que as grandes cidades haviam desaparecido, e a hegemonia do mundo ocidental se repartia entre os diádocos e a nascente República Romana. Launey nos mostra uma Esparta despovoada, cujos cidadãos não deveriam se pôr ao serviço de potências estrangeiras, pois o espartano não tinha a liberdade de escolher por quem verteria seu sangue. E nos apresenta uma opinião séria numa nota de rodapé: "Les révolutions de Sparte sont parfois un effort couronné de succès pour accroître le nombre de mobilisables". Os mercenários de origem espartana, contudo, se destacam pelas suas tradições guerreiras, como chefes experimentados, e não pela sua quantidade.

A Macedônia merece do autor um estudo especial, devido sua importância histórica, a ponto de se permitir sair do plano geral para examinar alguns aspectos puramente técnico-militares. Procura êle saber até que ponto a defesa e a manutenção dos reinos helenísticos foram obra da força do exército macedônico. Reconhece ainda o fato de que a política de fusão racial preconizada por Alexandre não foi seguida pelos macedônicos, orgulhosos de sua vitória. Dos reinos helenísticos, o Egito é o mais bem estudado, graças à abundância de documentos. Propõe-nos, finalizando o estudo da Macedônia, duas teses: "À quel point la tradition militaire macédonienne pèse sur les armées des monarchies hellénistiques? à quel point, aussi, dans ce domaine, comme en beaucoup d'autres, l'Orient hellénistique constitue une réelle unité?"

Semelhantemente, em cada uma das regiões ou dos povos estudados, uma série enorme de fatos pode ser observada, de grande valor aos que estudam a época helenística, visto que o alcance e a utilidade desta obra não estão necessariamente limitados pelo campo de suas pesquisas.

Finalmente, deve-se dizer que o livro em exame representa um trabalho amadurecido, pois seu autor nos confessa tê-lo iniciado em 1932, para concluí-lo em 1946, mas só o publicou em 1949. Somente quem o lê, por outro lado, poderá fazer idéia do volume das pesquisas e consultas feitas, da vastidão da bibliografia citada e indicada, muitas delas altamente especializadas ou somente acessíveis aos familiares do idioma de Homero, tudo o que justifica a grande autoridade que se pode atribuir a êsse trabalho. Caracterizam-no também a precisão e a concordância de seus informes.

Os reparos que se podem fazer são apenas superficiais. Somente no corpo da obra e que pode-se saber que se trata de uma "primeira parte", o que não está assinalado nem na capa nem nas folhas de rosto. Há grande número de abreviaturas que não constam da respectiva lista, principalmente de publicações especializadas. Nota-se a falta de uma relação da bibliografia, devidamente sistematizada, bem como dos costumeiros índices. É finalmente, não compreendemos porque Launey chamou de "prosopographie" seu estudo sobre as nominatas.

Esperamos, assim, o 2.º volume destas "Recherches". Seria interessante, entretanto, uma vez que esteve em tão chegado contacto com as fontes, e tantos fatos delas apurou, que Launey nos desse também um trabalho completo de História Militar Helenística. A amostra já nos deu com a "Remarques Techniques", no capítulo sobre a Macedônia, bem como em outras oportunas observações sobre o armamento, a organização ou a tática, *passim*. Virá mesmo sanar uma falha, pois a bibliografia especializada que conhecemos sobre êsse período, ou se baseia em fontes literárias (Arriano, Plutarco, Políbio, Deodoro, Tito-Lívio — obras de Guirchardt, La Chauvelays, Gen. Boucher), ou se trata do completo e utilíssimo "Dictionnaire des Antiquités", de Dahremberg, Saglio.

Ten. WALTER JOSÉ FAUSTINI